

GMP 2.1.6.50



BELMCHITE

A FUNDACÃO DE S. PAULO



(Para a "Folha da Manhã")

RUY BLOEM

A verdadeira história da fundação de Piratininga como em geral toda a história do Brasil quincentista ainda não foi escrita. As versões que até nós chegaram, através dos cronistas, são quasi todas susceptíveis de revisão. Essa, contudo, parece que não tardará. Já começam a surgir documentos até agora esparsos ou guardados no arquivo da Companhia de Jesus e que fazem ruir por terra lendas nascidas da fantasia dos primeiros cronistas, ou da má interpretação dos historiadores. Tinha, pois, razão Capistrano de Abreu, ao dizer que só se poderia escrever definitivamente a história do Brasil, depois que fosse escrita a história da Companhia de Jesus. Por outro lado, as pesquisas encetadas pelos historiadores dos últimos annos, através dos documentos divulgados pelo governo do Estado de São Paulo e pelas actas de mais publicações da municipalidade, têm permitido dar-se início a essa reificação das fontes historicas. Mas ainda há muito que fazer.

A PRIMEIRA MISSA EM S. PAULO

Um exemplo frisante da preciosa contribuição dos arquivos da Companhia de Jesus para o esclarecimento de toda a história quincentista está na data em que foi rezada a primeira missa no local em que se ergueu S. Paulo de Piratininga. Havia, a esse respeito, um depoimento valiosissimo. Nada menos que a palavra do proprio Anchieta:

"... onde temos casa e igreja da conversão de S. Paulo, porque em tal dia se disse a primeira missa naquella terra, numa pobre casinha, e em Piratininga, como acima se disse, se começou de proposito a conversão do Brasil".

Nessa "informação", datada de 1584, Anchieta dava o dia de 25 de janeiro como o da celebração da primeira missa em Piratininga e, ao mesmo tempo numa propheta, apontava o papel relevante que, desde a sua fundação, S. Paulo foi chamado a desempenhar no Brasil. Mas não é essa a unica referencia de Anchieta á data da primeira missa. Em carta de 1555, escrevia: "Dia da conversão de S. Paulo, dissemos a primeira missa em este lugar".

Estes dois depoimentos de Anchieta acabam de ser destruidos por outro, não menos valioso, e é firmado por Nobrega e datado de 1553. Achava-se essa carta nos arquivos da Companhia de Jesus e foi trazida a publico somente ha pouco mais de tres annos, em 1934, pelo sr. Seraphim Leite, em conferencia no Instituto Historico de S. Paulo. Nessa carta, dizia Nobrega:

"Hontem (30 de agosto de 1553), que foi dia da Degolação de São João, vindo a uma aldeia, onde se ajuntam e novamente se apartam os que se convertem e onde puz dois irmãos para os doutrinar, e solennemente uns cincoenta catecumenos, dos quaes tenho boa esperança de que serão bons christãos e merecerão o baptismo e será mostrada por obras a fé que tomam agora".

Na primeira publicação dessa conferencia, o padre Seraphim Leite apontou, em nota, essa aldeia como sendo a de Manicoba. Em trabalho posterior, porém, e ao publicar essa conferencia no livro "Paginas de historia do Brasil", rectificou a sua primeira interpretação, dando essa aldeia como a propria Piratininga.

A carta de Nobrega, inedita até 1934, vem de ser, pois, no dizer do sr. Seraphim Leite, "a certidão de idade de S. Paulo de Piratininga". E faz supôr que a missa celebrada em 25 de janeiro de 1554 e dada por Anchieta como sendo a primeira que se rezou no local em que se fundou a cidade provavelmente já era a segunda. A primeira, deve ter-a rezado Nobrega, embora não o declare, a 30 de agosto de 1553, ao fazer solennemente os cincoenta catecumenos.

Houve, neste particular, uma inversão: o novo documento, em lugar de destruir uma duvida, veio creal-a...

Ou, segundo entende o sr. Baptista Pereira, baseado nos documentos que colheu, nem uma coisa nem outra. Houve, em S. Paulo, tres primeiras missas. Chronologicamente a primeira, rezada no planalto piratiningano teve por officiante o padre Leonardo Nunes, em Santo André, onde ergueu uma ermida em 1550 ou 1551, segundo se lê em sua carta de 24 de agosto de um desses annos ("Cartas avulsas", pag. 61). A segunda missa rezada no planalto terá sido, na opinião do sr. Baptista Pereira, aquella a que se refere Nobrega em sua carta de 1553. Mas o local em que foi celebrada não era, na opinião do erudito historiador, que assim faz uma distincção entre as duas Piratiningas, que escapou ao

sr. Seraphim Leite, o mesmo em que, em 25 de janeiro de 1554, se ergueu o Collegio. Essa missa foi rezada na primeira Piratininga, a "Piratininga de João Ramalho", creada por Martin Affonso e localizada na varzea do Tietê, mais ou menos entre a actual Barra Funda e o bairro do Limão. A primeira missa, a que se refere Anchieta, foi de facto a primeira no local escolhido entre o Tamanduatehy e o Anhangabahu, onde se levantou o Collegio. Mas, chronologicamente, foi a terceira missa rezada no planalto piratiningano.

A esse proposito, tive curiosidade em conhecer o pensamento do sr. Baptista Pereira com precisão. E recebi, em resposta, esta carta do eminente historiador:

"Meu caro Ruy Bloem. Respondendo á sua consulta. E' apenas apparente a contradicção entre os textos de Nobrega, publicado pelo padre Seraphim Leite, e a carta de Anchieta, que affirma que a primeira missa foi em 1554, Nobrega, quando baptizou os

cincoenta catecumenos, disse uma missa. E' indubitavel. Mas onde? Em Piratininga, isto é, na aldeia india, á margem do rio Tietê. Não podia ser em S. Paulo, que ainda não existia.

Manuel de Paiva, superior da missa de 1554, disse a missa de 25 de janeiro de 1554. Mas onde? Em Piratininga tambem. Mas já em S. Paulo de Piratininga, na villa que então se fundava no Inhangabahu, no Triangulo actual, no Pateo do Collegio.

Nenhuma dessas missas, porém, foi a primeira celebrada no planalto. Leonardo Nunes, muito antes, fundara a ermida de Santo André, que Thomé de Souza viu com seus olhos, como attestou a El-Rey.

E essa ermida não podia ser ermida senão depois de consagrada pelo officio religioso.

A primeira missa dita no planalto paulista o foi, portanto, por Leonardo Nunes. E em Santo André.

De seu velho amigo e admirador — (a) Baptista Pereira. O problema está, pois, ao que

parece, inteiramente resolvido. A menos que surja um documento novo, — o que não é impossivel — que venha deitar por terra a conclusão a que chegamos...

OUTRAS OBSCURIDADES DA HISTORIA QUINTENTISTA

Esta referencia deixa bem patente a indecisão com que ainda têm de lutar os historiadores da fundação de S. Paulo e de toda a era quincentista. O material definitivo ainda está, em grande parte, ignorado, se não perdido de todo. E quantos documentos, mesmo não desaparecidos, não permanecerão occultos, por não ser conveniente a sua divulgação? Os jesuitas provavelmente possuirão innumerados. Não lhes será licito expôr á critica as fraquezas que terão tido muitos dos seus, para que isso não diminua o papel notavel que a Companhia desempenhou no Brasil. A obscuridade continuará, pois, a cercar muitos factos do alvorecer da nacionalidade.

Relativamente á fundação de S. Paulo, por exemplo, há não poucos detalhes mercedores de maior precisão, ou mesmo de revisão. E' possivel que os documentos que o padre Seraphim Leite está colligindo nos arquivos da Companhia de Jesus venham, como muitos dos já divulgados, lançar luz sobre taes controversias. Assim, por exemplo, o papel de Nobrega, que tem sempre apparecido, no episodio da fundação de Piratininga, como um simples comparsa, quando foi verdadeiramente o cerebro de toda a acção. Outro ponto controvertido é o da localização de Piratininga ao redor do collegio, plantado entre os riachos Tamanduatehy e Anhangabahu. Por que a nova povoação nesse local, quando, a pequena distancia, já no planalto, existia Santo André da Borda do Campo, onde vivia João Ramalho? E por que, pouco mais tarde, a determinação do desaparecimento de Santo André, com a sua transferencia para Piratininga? Outra controversia é o proprio João Ramalho. Quando che-

gou elle a S. Vicente? Onde nasceu? Que papel desempenhou verdadeiramente no drama da consolidação da posse portugueza sobre as terras da America? Onde se acha o seu testamento, que frei Gaspar da Madre de Deus data de 1582 e que depois desapareceu? Outro problema: o "bacharel" de Cananéa, até hoje anónimo, embora se conheçam os nomes de seus genros, como Gonçalo da Costa, e a actividade que desenvolveu no trafico da escravidão indigena. Outra duvida: qual o verdadeiro caminho dos indios que communicava o litoral vicentino ao planalto?

Estas, ao correr da penna, algumas, apenas algumas das impressões da historia de Piratininga.

A CONTRIBUIÇÃO DO SR. BAPTISTA PEREIRA

A "Folha da Manhã" já teve oportunidade de se referir ás pesquisas a que está procedendo, há mais de tres annos, o sr. Ba-

ptista Pereira, em torno da fundação de S. Paulo. Os estudos empreendidos pelo illustre historiador levaram-no a algumas conclusões novas, que destroem lendas consolidadas através dos seculos. A contribuição do sr. Baptista Pereira para o estudo dos primeiros annos de Piratininga é verdadeiramente notavel. E a oportunidade não poderia ser melhor. Estamos a poucos annos do quarto centenário de Piratininga. Até 1954, portanto, S. Paulo precisa ter revisito a sua historia e rendido homenagem aos seus fundadores. Visa isso o trabalho do sr. Baptista Pereira. Para tanto, já levantou a planta de Piratininga dos primeiros annos, cuja "maquette" será dentro em breve exposta, e fez um projecto monumental das comemorações do quarto centenário da cidade.

NOBREGA

Nos artigos em que começou a expôr, na "Folha da Manhã", os resultados das suas pesquisas, o sr. Baptista Pereira pôz de manifesto o verdadeiro espirito nacionalista que inspirou a Nobrega a localização do Collegio e da futura villa nos campos de Piratininga. Era essa uma das impermissões da historia de S. Paulo. Por que não se installaram os jesuitas ao lado de João Ramalho, em Santo André, e preferiram formar nova povoação em lugar pouco distante? Pareceu sempre que isso se dera por motivo das divergencias graves que, por algum tempo, separaram João Ramalho dos jesuitas. O sr. Baptista Pereira contesta essa versão. No seu entender, não foram pequeninas rivalidades que ponderaram na escolha do local em que Nobrega determinou se plantasse a futura cidade. Fazão muito mais alta inspiração o grande jesuita. A localização de Piratininga como sede do collegio obedeceu a um pensamento patriótico, talvez ao primeiro sentimento de nacionalidade verificado no Brasil. Ah! se fundou a cidade, para que servisse ao Brasil. Com effeito, Piratininga nasceu para ser o quartel-general na luta contra os francezes que, aliados aos tamoyos, ameaçavam, na Guanabara, a posse portugueza sobre as terras que Cabral incorporara ao patrimonio do Reino. O destino de S. Paulo foi, pois, traçado por Nobrega: trabalhar pelo Brasil.

Valê, contudo, relembrar as palavras com que o sr. Baptista Pereira desvenda o pensamento de Nobrega: "E' uma grande cabeça (Nobrega) e o maior politico de sua época. Do fundo do seu casebre de palha, governa os governadores. Dispõe dos ouvidos d'El Rey, do seu confessor e do escrivão da puridade, sempre abertos para escutal-o e attendel-o. Não descuida do seu breviario, porque é quasi um santo. Mas não se pôde alhear da politica porque é portuguez e catholico. A implantação do calvinismo no Rio remove-lhe as ultimas hesitações. Está no seu papel, repellido-os, e dera um filho de Jesus ter escrupulos ante os herejes? E o seu chicote? E os vendilhões?"

E assim explica o silencio que o proprio Nobrega impoz á acção desenvolvida pelos jesuitas, nessa phase admiravel da historia do Brasil, e que é causa da sua injusta relegação para segundo plano:

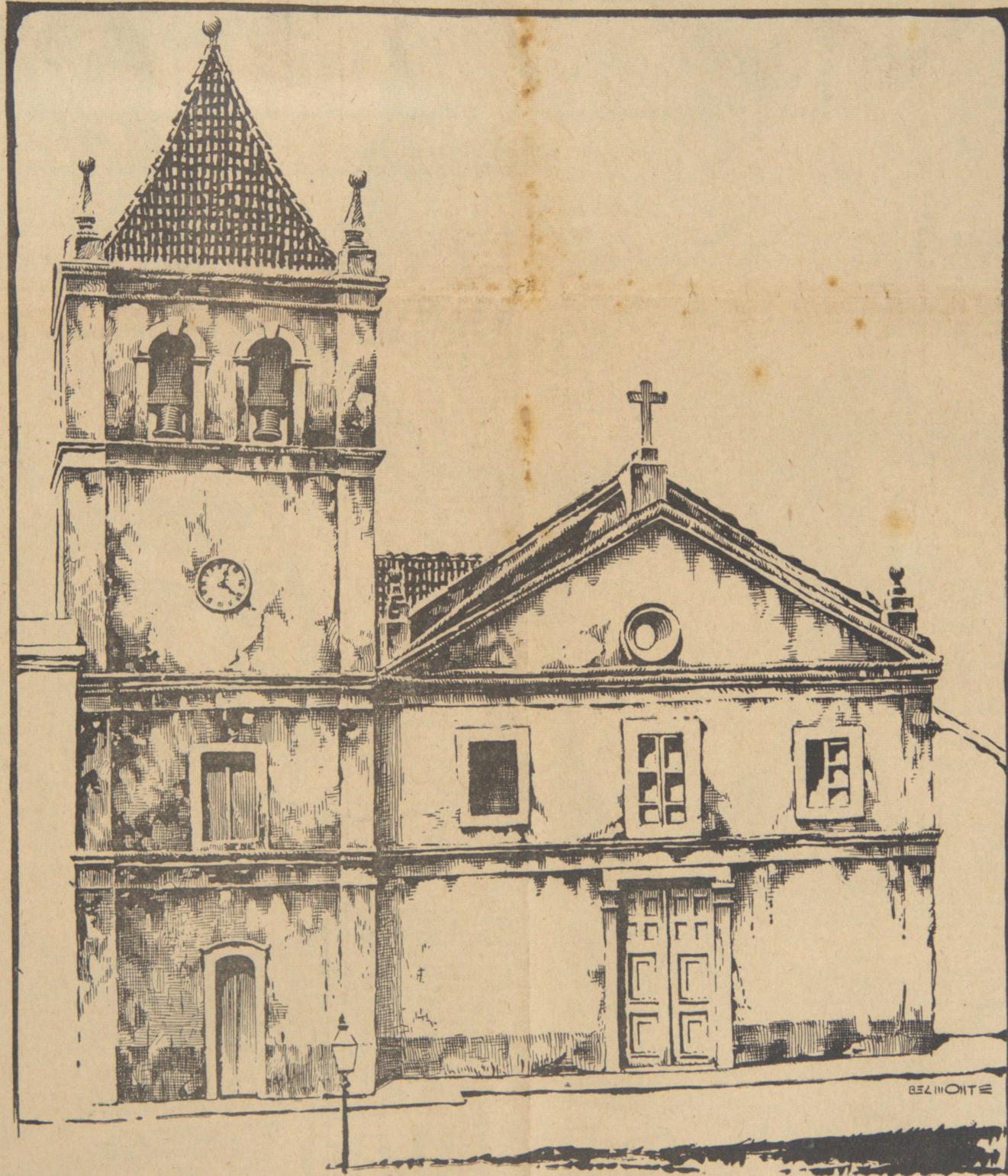
"Estava a França, embora sem declaração formal, em estado de guerra latente com Portugal. Mas a Companhia de Jesus precisava da França, onde tinha uma provincia, onde já ensinava, onde já tinha um palacio legado por um seu devoto, nada menos que um bispo. Catharina de Medicis já lhe expedira carta patente. Mas a sua installação official dependia do Parlamento, cuja maioria era calvinista. E este mamparrão no seu registro e ansiava por um pretexto para negal-o. Era preciso que a França ignorasse que a Companhia de Jesus ousava contrapor-se á sua politica colonial. As suas represalias varrel-a-lam por todo o sempre do seu territorio. Precissavam, pois, os jesuitas do Brasil esconder o quanto possivel a sua attitudo. Tanto mais quanto viria a ser, como o tempo provou, decisiva".

Parece perfeitamente razoavel a explicação dada pelo sr. Baptista Pereira ás razões que levaram Nobrega a agir silenciosamente pela consolidação do dominio portuguez.

PIRATININGA, QUARTEL-GENERAL CONTRA OS INVASORES

Vejamos agora outro aspecto do mesmo quadro: a edificação da villa de S. Paulo, como sede do quartel-general contra os francezes.

Nas suas investigações, o sr. Baptista Pereira reconpoz a phisionomia da Piratininga da fundação, fixando-a na sua "maquette". A villa piratiningana apparece-nos cercada de uma muralha, que lhe dá o aspecto impre-



A Igreja do Collegio, erguida no local que foi o berço de S. Paulo, no actual Pateo do Collegio. A gravura mostra esse templo já nos fins do seculo passado, pouco antes do deabamento do telhado — o que forçou os poderes publicos de então a, talvez apressadamente, demolirem o historico monumento. Delle só se conservaram as quatro paredes da torre, que hoje abrigam uma parte da Secretaria da Educação



VILLEGaignON

"Sem S. Paulo, a expulsão dos franceses da Guanabara e a fundação do Rio teriam sido impossíveis"

visto de uma cidade feudal. E' que ali se encontra a sede da resistencia ao invasor, o quartel-general, protegido e ignorado, perdido no meio do sertão de S. Vicente.

"Basta a attitudo de Nobrega — esclarece o sr. Baptista Pereira, — tomando a si toda a responsabilidade das operações e tornando-se fiador dos capitães da Armada Portuguesa, que hesitavam no ataque ao Rio, para provar o nexo da causalidade que existe entre a fundação de São Paulo e a expulsão dos franceses do Rio. Nenhum lugar melhor para uma praça forte do que o escolhido pelos jesuitas; um morro alcantilado a cavalleiro de dois ribeirões. Impossível um ataque despercebido. O inimigo perrebia-se de longe. Guardas avançadas velavam. Mas isso não bastou. Construiu-se uma muralha. Ergueu-se uma estacada e fortificou-se o Tietê, a barreira contra os tamoyos, com casas fortes, como testemunham Braz Cubas e a casa, inda hoje em pé, da Sermaria dos Ramalhos. Aldearam-se indios catechizados na periphéria da cidade e seu termo. Levou-se a cabo um trabalho de defesa gigantesco para a época. Para que? Apenas para guardar os meninos indios a quem faltava farinha de pau em São Vicente?"

OS PAULISTAS E A EXPULSAO DOS FRANCEZES

Gracias, pois, ao descortino politico do padre Manoel da Nobrega, puderam afinal ser expulsos os franceses do Rio de Janeiro. A parte que nessa campanha tiveram os homens de São Paulo foi verdadeiramente decisiva. E o seu grande general foi Nobrega, a quem Estacio de Sá recebeu de Mem de Sá a recommendação de ouvir e consultar. Durante os aprestos da Armada que devia desferir o ataque decisivo contra os invasores, Nobrega leva Estacio de Sá e os outros capitães "a visitar as casas dos jesuitas em São Vicente e São Paulo" (Seraphim Leite, "Pag. de Hist.", p. 220). Não encontraremos ali uma confirmação da these do sr. Baptista Pereira, de que Piratininga era o quartel general da luta contra os franceses? Que interesse poderiam ter o valente sobrinho de Mem de Sá e seus commandados, nas vespuras de uma luta que se entromostrava aspera, em fazer uma simples visita, ao sertão de S. Vicente, quando as difficuldades eram enormes? O caminho que levava a Piratininga não era, de facto, digno de uma excursão puramente esportiva como teria sido essa. "Vão lá — escrevia Anchieta em 1585, vinte annos depois — por uma serras tão altas que difficilissimamente podem subir nenhuns animaes, e os homens sobem com trabalho e ás vezes de gatinhas por não despenharem-se e por ser o caminho tão mau e ter rumo ventania padecem os moradores e os nossos grandes trabalhos". Se Estacio de Sá e os outros capitães foram levados por Nobrega a visitar Piratininga fizeram-no, provavelmente, para conhecer o reducto levantado no sertão de São Vicente para quartel-general da luta contra o invasor. Mais uma prova de que assim era e de que

é exacta a theoria do sr. Baptista Pereira — encontramos-a na carta, que, pouco depois da partida de Estacio de Sá, para o Rio, escreveu o padre Leonardo do Valle, a 23 de junho de 1585: "... a maior parte dos indios que a armada levou consigo a povoar o Rio são os nossos discipulos de Piratininga". Não ha, pois, exaggero na conclusão a que chega o sr. Baptista Pereira relativamente á importancia do papel desempenhado por São Paulo na luta contra os franceses e, pois, na consolidação da posse portugueza:

"Sem São Paulo, a expulsão dos franceses e tamoyos da Guanabara e a fundação do Rio teriam sido impossíveis. E foi por isso e por isso que Nobrega a mandou fundar e que Mem de Sá a transformou numa praça forte. Mais um título de gloria para a cidade de Nobrega e Anchieta, de João Ramalho e Braz Cubas. Ocellula mater do Brasil, foi creada, não por considerações regionaes, mas pelos imperativos supremos da nacionalidade".

São Paulo começava então a cumprir o seu destino.

ANCHIETA

Capistrano de Abreu attribue a Simão de Vasconcellos a culpa de haver sido Nobrega detido quasi na penumbra, esmagado pela figura gigantesca de Anchieta, seu discipulo querido, Nobrega, contudo, já começa a receber da posteridade a justiça que merece. Nem por isso, entretanto, se esbata a figura de Anchieta.

Na fundação de Piratininga, não se pode negal-o, o papel de Nobrega foi, a principio, mais relevante que o de Anchieta. A acção posterior do suave canarino na povoação piratiningana dá-lhe, porém, sem exaggero, o titulo de Pai de Piratininga. Mas pae de criação, cheio de desvelos na educação do filho alheio, o pae verdadeiro, o gerador da cidade, o espirito que a fixou no lugar em que se ergueu — esse foi Nobrega. Como, pois, separar Anchieta de Nobrega, se elles são, no dizer de Joaquim Nabuco, "as duas figuras de um quadro que só nos podemos representar na unidade de sua composição"?

As fundar-se São Paulo, Anchieta era pouco mais que um menino. Tinha vinte annos incompletos. Ainda não recebera ordens, sendo apenas irmão. Não obstante, ao de logo se impoz como o mestre dos seus companheiros, mesmo dos seus superiores. Era, pois, no dizer de Antonio de Alcantara Machado, "a cabeça da casa". Desde a sua chegada, dedica todos os momentos de sua vida ao Brasil, sem desanimos, nem vacillações. As suas cartas são um modelo de bom senso e de resignação. A asperidade de existencia nas terras bravias e selvagens do novo Continente não lhe aranca um queixume. Ao contrario, os sacrificios dão-lhe ensejo de elevar a alma a Christo. Só no fim de sua existencia é que, velho e doente, pede a Companhia de Jesus lhe dê um substituto no cargo de Provincial. Fal-o, porém, timidamente, como se lhe parecesse uma fraqueza ou uma desercão. Mas, segundo refere

Seraphim Leite, que deu á publicidade tambem esse valioso documento anchietano, o seu pedido não teve andamento. Anchieta não insiste, e continua, até á morte, a dar todo o seu trabalho á terra nova, que viera encontrar ainda virgem.

Piratininga guarda a gloria de ter sido o berço da revelação de Anchieta. Foi na "pauperima e estreitissima casinha" a que se refere numa de suas cartas que se manifestou o seu genio. Ali, no planalto entre os ribeiros Tamandaty e Anhangabahu, assistiu ao nascimento de São Paulo. "Do visio dessa acropole, rude premitencia de vinte e cinco a trinta metros — escreve um de seus biographos, Celso Vieira — desvendava-se todo o horizonte, a varzea dilatada, o curso do Tietê. Subindo e serpeando, as veredas transitáveis não abriam mais de quatro portas á cidadella — duas ao norte, duas ao sul, viagiadas as primeiras, no vertice do triangulo, pela força de Tibiriçá (o principe Martin Affonso), defendidas as segundas, na base pela gente de Cauby, velho e fiel caique".

Era esse o panorama descortinado por Anchieta do local em que foi plantado o Collegio e em torno do qual cresceu São Paulo.

No dia de hoje, em que, São Paulo commemora mais um anniversario de sua fundação, deixemos que o proprio Anchieta nos diga de sua rude tarefa e de seus companheiros, nesses dias luminosos da consolidação da posse portugueza:

"Estes, entre os quaes vivemos, trazem-nos voluntariamente, seus filhos para os ensinarmos, os quaes, succedendo depois a seus paes, tornem o povo agradavel a Christo; dentre elles quize baptizados e muitos outros catechumeos frequentam a escola optimamente instruidos, tendo por mestre o irmão Antonio Rodrigues; antes do meio dia, depois da lição, rectam juntos na Igreja a jaldainha e depois do meio dia, entoado o cantico "Salve-Rainha", se dispersam; em cada sexta-feira, disciplinando-se com summa devoção até fazerem sangue, sacm em Precissão".

Não cabe aqui relembrar a existencia de Anchieta, inteiramente dedicada ao Brasil. Fixemos-lhe apenas esses ligeiros aspectos do seu primeiro contacto com Piratininga, que tanto lhe deve.

SANTO ANDRE DA BORDA DO CAMPO

Fiz referencia, de inicio á escolha de Piratininga para sede do Collegio, com desprezo de Santo André da Borda do Campo, que já existia. Por que não se aproveitara a villa em que morava João Ramalho para a installação dos trabalhos jesuiticos? E porque, pouco depois, a propria extincção de Santo André, com a sua transferencia para Piratininga?

Cabe ainda uma vez a Simão de Vasconcellos a responsabilidade da lenda de que a preferencia dada a Piratininga se explicava em razão dos mal-entendidos verificados entre João Ramalho e os jesuitas. O cronista da Companhia de Jesus, deixou entrevista essa hypothese

que se perpetuou. Hoje, porém, já se pôde affirmar que a razão não foi essa. Piratininga foi escolhida, porque a sua posição strategica era incomparavelmente superior a Santo André. Ao escolher o local em que se ergueria a nova povoação, Nobrega não desceu o seu pensamento a pequenas querellas. Não lhe occorreu fazel-o apenas pelo recelo de novos incidentes com João Ramalho, incidentes hoje contestáveis, na opinião do sr. Baptista Pereira. Nem tão pouco a transferencia de Santo André para Piratininga, determinada em 1580 por Mem de Sá, se deve, como parece ao brigadeiro Machado d'Oliveira, á má vontade dos jesuitas em relação aos andresenses. O padre Seraphim Leite, na sua admiravel monographia "Os jesuitas na villa de S. Paulo", aponta tres motivos para essa transferencia: "o incommodo que era para os padres Irem de S. Paulo e Santo André para a parochialidade e admistracão dos sacramentos; maiores facilidades economicas de S. Paulo; e a necessidade de uma commun defesa contra os Tamoyos e franceses de Guanabara, que alvorocavam e incitavam, pelo menos indirectamente, os Tupys contra os portuguezes e indios amigos".

São as mesmas razões de ordem defensiva apontadas pelo sr. Baptista Pereira. Piratininga, localizada em sitio menos exposto, destinava-se, de accordo com o pensamento de Nobrega, a ser a sede da reacção contra o invasor. O tempo veio mostrar os perigos que teriam ameaçado a povoação, se collocada em Santo André e não em Piratininga, "lugar mais forte e mais defensavel, assim dos contrarios como dos nossos indios", como afinal o vieram a reconhecer os proprios andresenses, segundo a carta enviada á rainha D. Catharina por Jorge Moreira e João Eannes.

JOÃO RAMALHO

João Ramalho foi dos primeiros habitantes do Brasil. "O mais antigo homem que está nesta terra", na phrase de Nobrega ao escrever em 1553 do sertão de São Vicente a Luiz Gonçalves da Camara, Nesse mesmo anno, quando Ulrico Schmidel passou por Santo André, na sua viagem de Assumpção a São Vicente, pôde verificar que João Ramalho dispunha de enorme prestígio e de forças incomparavelmente superiores ás do rei, Senhor absoluto da vontade dos indigenas, é humano que não tenha visto com bons olhos o presépio excoente adquirido pelos jesuitas. Não tarda, pois, a ter um incidente com os padres. Convidado pelo padre Leonardo Nunes a retirar-se da igreja, por se achar sob a alçada de uma penna canonica, João Ramalho enche-se de indignação. E, segundo referem Pero Correla e Diogo Jacome, sahindo da igreja, em companhia de dois filhos, aguarda que o "padre voador" se retire, para fazel-o pagar a humilhação que lhe infligira. O depoimento dos dois jesuitas, no entanto, contradictorio no que se refere ás consequencias do

acto energico de Leonardo Nunes. Pero Correla, morto pelos selvagens em 8 de junho de 1554, refere que o jesuita só se salvou da ira de João Ramalho por interferencia dos selvagens e, em particular, de uma india que "ali prezou muito rijo a com grande fé, offerendo-se a padecer de companhia com o padre si cumprisse". Diogo Jacome, narrando o mesmo incidente, em carta de 1582, não innocenta a aggressão mais directamente aos filhos deste, "uns homens como selvagens".

Da carta de Nobrega, revelada pelo padre Seraphim Leite, e a que de continuo me tenho referido, vê-se, contudo, que João Ramalho, em 1553, já não apresentava a mesma indisposição em relação aos jesuitas. Cheza mesmo a ceder a Nobrega o seu filho mais velho, para servir-lhe de gula. E do contacto de João Ramalho, com o grande jesuita parece ter tido o rude portuguez um acto de submissão, talvez em consequencia mesmo do vexame soffrido ao ser expulso da igreja por Leonardo Nunes. E' o que dá a entender Nobrega: "Quando veio da terra, que haverá quarenta annos e mais, deixou a sua mulher lá, viva, e nunca mais soube della, mas que lhe parece que deve ser morta, pois já vão tantos annos. Deseja muito casar-se com a mãe destes seus filhos. Já para lá se escreveu e nunca veio resposta deste seu negocio".

João Ramalho, pois, não queria continuar a escandalizar os jesuitas com a sua mancebia. Desejava regularizar o seu estado, casando-se com a filha de Tibiriçá.

Nem por isso, entretanto, deixou de continuar a perturbar a obra dos jesuitas. Dil-o o proprio Anchieta, indignado, poucos mezes depois da fundação de Piratininga, ao referir os continuos esforços empregados para prejudicar o trabalho de catechese por "uns certos christãos, nascidos de pae portuguez e mãe brasileira". E o santo canarino concluiu o seu commentario com esta phrase saborosa: "Quem na verdade é espinho não pôde produzir uvvas". Embora não cite nomes, parece que Anchieta se refere a Ramalho.

Não obstante, João Ramalho é uma figura de lenda, que enche as paginas dos primeiros dias de Piratininga. Muitos tentaram identificall-o como o "bacharel de Cananã". Outros, como frei Gaspar, á vista do seu testamento mysterioso, cuja existencia se contesta, quizeram dal-o como o provavel primeiro homem a chegar ao Brasil. Pedro Taques contradiu-se, dizendo uma vez que João Ramalho chegara na frota de Martin Affonso, e affirmando, em outro ponto, que allí chegara quasi antes deste. Tudo isso enche de mysterio a figura varonil de João Ramalho.

A respeito delle, ha ainda outra lenda, que o sr. Baptista Pereira acaba de destruir. Teve sempre fóros de verdade que João Ramalho, desgozoso com o papel secundario que passou a desempenhar depois da chegada dos jesuitas, se condemnou ao degredo no valle do Parahyba. A origem da lenda é esta: cileto vereador em 1574, foi João Ramalho, numa occasião em que

veio a São Paulo, hospedando-se na casa de Luiz Martins, visitado pelo Conselho. Pediu-lhe este que aceitasse a eleição. João Ramalho recusou-se a aceitar, allegando "que era um homem velho, que passava dos setenta annos e estava tão bem, em um lugar em terra dos contrarios da Parahyba, e que estava tão bem, como degredado no dito lugar e que pelas taes razões não podia servir o cargo".

Dessa referencia ao degredo nasceu a lenda. O documento colhido pelo sr. Baptista Pereira e que é a traducção manuscrita da acta em que se consignou tal declaração de João Ramalho, mostra que houve, da parte do interprete do documento, o desejo de dar sentido a uma phrase obscura. A acta rezava, como se pôde ver do clichê que a "Folha da Manhã" publica no supplemento de hoje, cedido pelo sr. Baptista Pereira: "... e que estava tão bem como guerra...". O desejo de acerta-lo levou o interprete a riscar a palavra "guerra", substituindo-a por "degrado". Teve sentido a phrase. Mas nasceu uma lenda, que, para ter sentido, por sua vez soffreu a influencia da imaginação dos cronistas. Nada mais simples, entretanto, João Ramalho não podia aceitar a vereação, porque estava "com guerra" no Parahyba.

João Ramalho não pôde ser tambem esquecido nesta data de São Paulo. Foi elle, no dizer elegante de Paulo Prado, "o patriarcha e fundador da raça, tronco vetusto e fortissimo donde ramificou a formidavel prole dos mamelucos piratininganos".

DESTINO DE S. PAULO

Disse acima que o destino de S. Paulo foi traçado por Nobrega. E o foi. S. Paulo nasceu pelo Brasil e pelo Brasil tem vivido. Diz-se-lhe que os seus primeiros povoadores — portuguezes, mamelucos e indios que habitavam este "Sertão de S. Vicente" — sentiram a grandeza da missão de que os incumbira Nobrega e que Anchieta abençoou, santificando-a. Sentiram-na e transmitiram-na, no sangue, aos seus continuadores.

Por isso, é commovente a recapitulação das paginas da historia do Brasil, em todos os periodos. Sempre se encontra ali, como por uma predestinação, uma pagina da historia de S. Paulo.

Nesse periodo a ue hoje os paulistas erguem o seu pensamento, e que é o da luta contra o clima, contra a natureza selvagem, contra as feras e, sobretudo, contra o invasor, vemos os homens de S. Paulo, como soldados, a consolidar a posse portugueza expulsando os franceses da Guanabara.

Vemol-os, depois, como bandeirantes, a afastar, com audacia, as fronteiras demarcadas pela linha de Tordesilhas, incorporando ao dominio colonial portuguez perto de duas terças partes do actual territorio do Brasil.

Vemol-os, mais tarde, encarnados na figura do santista Alexandre de Gusmão, a consolidar, pela acção diplomatica, a posse do novo territorio conquistado ao dominio da Hespanha.

Fiquemos ali. Não é preciso ir além na evocação de S. Paulo nasceu para o Brasil. E tem habido viver para o Brasil.

Tres capitulos ineditos do trabalho do sr. Baptista Pereira

Para o numero de hoje, commemorativo da fundação de S. Paulo, a "Folha da Manhã" solicitou do seu eminente colaborador, sr. Baptista Pereira, autorização para divulgar alguns capitulos, que ainda se conservam ineditos, do trabalho que está escrevendo em torno das pacientes pesquisas a que se entrega ha mais de tres annos.

O sr. Baptista Pereira cedeu a "Folha da Manhã" os tres capitulos que publicamos a seguir, cujo valor, como contribuição ao estudo de S. Paulo, é desnecessario enaltecer.

A acta da renuncia de João Ramalho

A celebre acta de 1564, que reduz a termo a recusa de João Ramalho nunca foi lida direito.

Por que? Como se explica tal inadverência em Varnhagen (que a leu em 1840) em Capistrano, em Affonso Taunay e por ultimo em Americo de Moura, autor desse admiravel trabalho os "Povoadores", que o colloca na primeira plana dos estudos da Piratininga quincentista?

É muito facil a explicação. De todos os historiadores que fizeram obra sobre os textos de Pero Cortés, Diogo Giacome e Anchieta o que mais impressionou contemporaneos e posterios foi o padre Simão de Vasconcellos. O seu celebre trecho: "João Ramalho, homem por graves crimes infame e actualmente excomungado" estava fixado em todas as memorias. A Acta de 1564, perante o conceito de que Ramalho era um irreductivel adversario dos Piratiningsos, e perante a extinção de Santo André, só podia significar que elle se achava melhor entre os indios que no meio de inimigos.

Mas lida direito eis o que diz: "...e depois disto, aos quinze dias do mez de fevereiro de mil quinhetos e sessenta e quatro annos, nesta villa de S. Paulo, eu, João Fernandes, escrivão da Camara da dita Villa, com Balthazar Rodrigues, Procurador do Conselho da dita Villa, FOMOS A'S CASAS DE LUIZ MARTINS, que são na dita villa, onde ali estava João Ramalho pousado. E lhe requeremos que accetasse o cargo de vereador desta villa, porquanto sahira na eleição e pautu que nesta villa se fez para vereador. E pelo dito João Ramalho nos foi dito que elle era um homem velho que passava de setenta annos e que estava tambem em uma terra dos contrarios desta villa (digo, dos contrarios da Parahyba) e que estava TAMBEEM como degradado no dito lugar e que pelas tais razões não podia servir o dito cargo e que suas Mercês chamassem outro. O que assignou aqui. Eu João Fernandes o escrevi. João Ramalho, Balthazar Rodrigues.

A eloquencia desse documento! A Camara vive incorporada á sua casa, pedr-lhe que accete o cargo. Elle? Recusa. Por que? Porque na sua idade não pode estar ás idas e vindas e cumular os cargos de Fronteiro da Parahyba e edil. E tambem porque precisa ficar amarrado ao seu posto. Nada mais claro.

Hoje não se pode mais discutir o segredo de João Ramalho. A tradução da Acta da Recusa foi grosseiramente falsificada. A palavra degradado é uma interpeção ulterior; a palavra não existia no original. O estromento prova que João Ramalho antes de 1558 era fronteiro contra os indios da Parahyba. Uma acta de 1582 apparecida (provavelmente por obra do interpellador do degradado) consignava a sua confirmação official nesse posto. Em 1564 continuava nelle. Era o chefe supremo da defesa paulista.

Como podia estar degradado na mesma occasião?

Conquista franceza

Desde a época do descobrimento e, talvez, antes, si se comprovar a flegem de Jean Cousin, em 1486, foi o Brasil conhecido, explorado e cobrado pelos francezes. O seu pau de Mingre, o seu algodão, a sua pimenta e as suas curiosidades, abarrotaram de ouro os cofres de Dieppe e de Ruão. Autores francezes collocam nesse commercio a base da maior fortuna da época e dos Anjos, celebres corsarios que mantinham uma frota em permanente trafego com as nossas costas.

Villegaignon, uma das figuras mais fascinantes do seculo, sobrinho de Villiers de Lisle Adam, grão mestre da ordem de Rhodes, defensor de Malta contra os turcos, expugnador de Tunis, na expedição imperial de Carlos V, libertador de Maria Stuart, num cruzeiro arribado em que teve de burlar a rigorosa vigilância da esquadra inglesa, conselheiro de Galvina, amigo de Rabellais, souheu um dia fundar no Brasil um imperio de que fosse virtualmente o soberano, embora senhorio official de seu rei.

Começavam as murmurações na corte de Henrique II contra os calvinistas. Estava aberto o caminho Villegaignon. Acenou a Gaspar Collignon, grande almirante, isto é, ministro da marinha da França, com um

pais onde os calvinistas seus irmãos de creença pudessem, não só evitar perseguições, como medrar e enriquecer. Logrou convence-lo. Com a sua protecção angariou recursos para armar uma frota e fez-se de vela para o Brasil, fundando o Rio de Janeiro.

Alli construiu, na ilha que lhe guardava o nome, "uma das mais formidaveis fortalezas da christandade", no dizer de Mem de Sá e fronteiro a ella um arrabal de francezes baptizado com o nome de Henriville, em honra do soberano. Eram os francezes, de quantos nos visitavam as costas, os mais queridos. Assimilavam com a maior facilidade lingua e costumes. Habitados aos grandes frios, ao primeiro calor adoptavam a nudez geral, em que os nossos invernos, tão brandos para elles, lhes permitiam perseverar definitivamente. Muitos seguiram até as praticas anthropophagicas.

A polygamia hierarchica dos chefes, atravam-se como gato a bofes. Devia o Brasil de então parecer-lhes um paraizo. E a sua intelligencia e a sua ductilidade impediam-lhes cair no erro dos portuguezes e dos hespanhões: degostar com vexações e abusos a quem tão de coração os recebia e adoptava.

Villegaignon ao chegar aqui encontrou esta alliança cimentada sobre as mais solidas bases. A qualidade de francez era a melhor salvaguarda entre os indios. Hans Staden, prisioneiro, allegou-a, Antonio Knivstambem, e a este a barba salva-viva, o que quasi não aconteceu com aquelle, porque o trugimão francez que se lhe dirigiu viu que não lhe comprehendia a lingua, e só difficilmente se convenceu de que não era portuguez.

Os esforços dos francezes, que dominaram, inquestionavelmente nossas costas durante 50 annos, ainda não foi objecto do estudo analytico que merece e de que precisamos.

A POLITICA DO SEGREDO

Sabia Mem de Sá, sabia Nobrega e talvez ninguém mais, de que nessas guerras de indigenas, aparentemente loozas, o que se decidia era uma verdadeira guerra entre França e Portugal.

A França ás voltas com sua politica continental, estava cercada de inimigos: de um lado o Santo Imperio, do outro a Inglaterra e, ainda do outro, a Hespanha. Não lhe convinha mais um adversario. Portugal, por sua vez, começava a sentir a depressão consequente ao grande esforço atlantico, com que abria uma nova era á civilização.

Porém, a guerra branca existia latente, entre os dois paizes. Centenas de batalhas navaes e de apresamentos pontelam os factos das duas nações. A França lavava as mãos dos actos de seus corsarios, mas, quando lhes não concedia carta de marca, inclina-va-os á surdina.

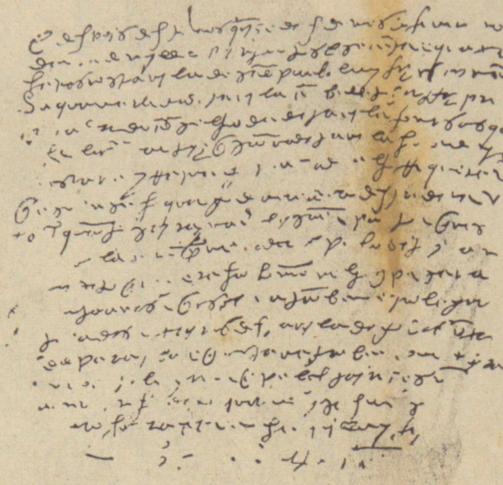
Portugal, por sua vez, não os poupava. Villegaignon batera a uma porta certa. A sua missão não official na apparencia, não deixava de o ser, no fundo.

Não deviam faltar a Mem de Sá e a Nobrega avisos e noticias do que se passava em França. São innumeráveis, porém, as difficuldades que temos os estudiosos de obter documentos sobre nossa politica na época. Os jesuitas não tratavam de certos assumptos por escripto. Fundada a ordem em França e gozando da protecção do rei christianissimo, não liam desgostar-lhe o governo e expor-se ás suas hostilidades.

Para os grandes assumptos e para as informações delicadas, serviam-se os jesuitas de emissarios seguros. Tal systema custou-lhes bem caro. A elle devem a perda do grande Leonardo Nunes, num naufragio. Nos mares, infestados de corsarios, não havia garantia para a correspondencia. Os proprios governadores deviam empregar o systema dos emissarios. Já era conhecida a criptographia. Muitos documentos devem existir em Portugal e noutros paizes, da Europa, em cifra. Só depois de um vasculho geral em archivos, museus e bibliothecas, é que podemos esperar novos dados.

Seja como fór, uma série de factos concatenados já nos basta para racionios em que a parte da conjectura é muito menor que a da certeza.

O esforço francez remittiu com a fundação do Rio Portuguez, em 1567. A França trouxe em silencio o féi da derrota, mas a séde de esforço continuava como as brassas sob as cinzas.



Photographia da celebre acta da renuncia de João Ramalho

Morto Henrique II, assume a regencia a genial Catharina de Médicis. Quer no seu interregno de regencia, quer mais tarde reinando o frivolo Henrique III, Catharina de Médicis, que se lhe arrojou um vago direito, preferiu não crear difficuldades á França e contentar-se com pressa mais diante, mas mais opima, prova ainda uma vez do seu immenso desortino. Abriu mão de suas pretensões e resolveu apoiar, quanto em si coubesse, as de D. Antonio, Prior do Crato. O prepo dessa attitude, que importava tambem num auxilio armado, era o Brasil.

O tratado de alliança, os documentos desse tratado referido por Gaffard, devem existir na França, talvez no proprio Quai D'Orsay, porque suas consequências foram de tal monta que deixaram, necessariamente, vestigios. Foi caprichosamente preparada uma frota de guerra para tomar os Açores, que se tornariam, então, a base das operações contra o Brasil. Mas os espiões hespanhões estavam de sicta. A esquadra franceza, ao chegar aos Açores, foi recebida por outra hespanhola mais forte. Empenhou-se a batalha e os francezes foram des-

trocados e seu almirante enforcado em verga alta. Subiram ao auge a revolta e indignação da França. Dois annos depolnora esquadra, mais forte que a primeira, cruzava as costas dos Açores. Mais uma vez estava a Hespanha vigilante e, mais uma vez, o mesmo Bazan, marquez de Santa Cruz, que já derrotara a frota anterior, infligia á França a mais severa das derrotas.

O judaismo de João Ramalho

Seja como fór, o certo é que João Ramalho não era judeu. Si o fosse, não poderia ter sido, em 1522, nomeado Guarda-Mór do Cam-

po de Piratininga. Si não bastassem tanto as Ordenações do Reino, como leis mais antigas, mas ainda em vigor, para vedar a Martin Affonso a nomeação de um judeu para tal cargo, o seu proprio instrumento de nomeação expressamente lh'o prohibia.

Pedro Taques, cuja honestidade e escriptulo estão acima de qualquer suspeita, sempre o declarou cavalheiro. A si, de sua assignatura, allás quasi analoga ao arabesco que Luiz de Camões traçava sobre o nome, podia muito bem representar o seu distinctivo de cavalheiro.

Thomé de Souza, catholico fervoroso e intransigente, não o teria nomeado capitão e alcaide de Santo André, si lhe suspeitasse do judaismo. Contra a sua pratica da Kabala, falia o seu estranhado catholicismo: o seu incidente com Leonardo Nunes foi quer ouvir missa. Antonio de Sá, a proposito do seu indio do Espirito Santo, diz que elle jejuava todos os dias de guarda. Todas as presumpções são, pois, a favor de seu catholicismo.

A Piratininga daquelles tempos não fazia vista grossa sobre o judaismo. Seguiu o exemplo da Igreja e da Inquisição, tão suspicaz e radical nesta materia.

Havia um "Ról da Flinta", em que eram cuidadosamente inscriptos os raros judeus. Estes não podiam votar nem ser votados nas eleições, requisito essencial para ser considerado "homem bom"; não podiam receber sesmarias nem cartas de cháó. Filhos, netos, bisnetos e ainda mais remotos descendentes de judeu não podiam receber ordens.

Ter, nessa época, um padre na familia, era um attestado cabal de limpeza de sangue.

Eram taes as pesquisas da Igreja, e tão severas as penas comminadas a qualquer testemunha que deslizesse da mais estricte verdade, que este inquerito valia pela melhor das "arvores de costado".

Teve Ramalho algum descendente ordenado?

Vamos vér que sim.

GASPAR GOMES CAMACHO

A sua ascendencia é esta: é filho de Francisco Borges e Helena Rodrigues, Neto de Antonio Alvares e Violante de Siqueira, por parte paterna e de Antonio Camacho e Joanna Rodrigues Camacho, por parte materna. É bisneto de Antonio Alvares e Violante charina Ramalho, e, finalmente, trineto de João Ramalho.

Manda a verdade confessar que desde o Pa. Guilherme Pompeu, até Rizardo Gumbleton Daunz e Silva Leme, tem variado muito a opinião sobre os

Recusa de João Ramalho ao cargo de Fronteiro da Camara de São Paulo... (Cópia da deliberação da Câmara de São Paulo de 1564)

Edição de 1564... (Cópia da deliberação da Câmara de São Paulo de 1564)

Não é mais... (Cópia da deliberação da Câmara de São Paulo de 1564)

Assim... (Cópia da deliberação da Câmara de São Paulo de 1564)

João Ramalho... (Cópia da deliberação da Câmara de São Paulo de 1564)

A tradução da acta da renuncia, como foi feita, vendo-se a emenda que deu margem á lenda do degado de João Ramalho, como se vê do capitulo do sr. Baptista Pereira e do artigo do sr. Ruy Bloem



Advertisement for Regulador Xavier medicine, featuring images of the product boxes and a woman's portrait. Text includes 'Sorriso feliz! Sorriso encantador!' and 'Seja intelligente, imitando-a: cure os seus males...'.

graus em que os Camachos descendiam de Ramalho. Uns os collocam no terceiro, outros no quarto. Mas todos, si variam de opinião quanto ao grau, são concordes quanto á ascendencia. O que é certo é que o primeiro e unico Camacho, que aportou a S. Paulo, se casou com uma filha de João Ramalho.

Filha de Mbeiy ou Isabel? Ah! é que pega o carro. Parece-me que não. Os velhos paulistas só consideravam legitimos os filhos de Isabel, e sentiam-se diminuidos com outra origem ramalhista. Dahi a confusão que estabeleceram sobre a sua ascendencia mameluca. Deixemos, porém, de lado este elemento, que não nos interessa.

Camacho só houve um em S. Paulo e este casado com uma filha do Patriarcha. É indifferente que Gaspar Gomes Camacho fosse trineto ou quadrimeto de João Ramalho. Numa ou noutra seria sempre do seu sangue.

Batem ás portas do Collegio. E um filho que vem communizar aos paes que seu paé falleceu e pedir-lhes que lhe celebrem as cerimoniaes habituaes. Affeitos os sacerdotes á facilidade com que os indios e mameluços davam por mortos os agonisantes, resolvem ir dois, á toda pressa, vér o que se tratava.

Caminham durante uma hora, atravessando campos inundados e deparam com um miseravel velho, ainda vivo, como esperavam. Confortam-se com os lenitivos da fé e viram que a pobre creatura (que não queria saber delles) voltaria ao aprisco do Senhor, absovida. E salvou-se.

Ha uma nota de censura nas palavras do Padre Balthazar, não no miseravel velho, cuja accepção na época era de miser, mas no "que não queria saber de nós".

Mas nada mais natural: um quasi centenário, enfermo, cansado, muito positivamente entredado, não tem tempo nem disposição, senão para empregar as poucas forças que lhe restam, no exercicio de pequenas actividades domesticas, de que ainda se capza.

Não lhe sobra tempo para ir á igreja, maxime por caminhos asperos e distantes.

Balthazar Fernandes havia muito pouco que estava em São Paulo. Nada conhecia das tradições do antigo João Ramalho, cuja missão heroica, na fronteira do Parahyba, nem devia fer noticia. Tudo ignorava, excepto, talvez, o incidente com Leonardo Nunes.

Não sentiu a belleza da scena: o velho patriarcha centenário, econdoendo-se para morrer, na velha casa, onde, talvez, um dia ha tantos deennios, hospedára e protegera o primeiro donatario da Capitania.

Faltas não tivera que não fossem inherentes á fraqueza humana. Mas as faltas de Abraham. E a Igreja perdou-lhas. Por que não lh'as perdou os filhos?

A quarta é Fernão Munhoz, com 72 annos de idade. Trata-se do reconstructor da Igreja de S. Miguel.

É um dos maiores troncos paulistas.

Para que João Ramalho pudesse casar-se com Bartyra...

A carta de Nobrega, descoberta pelo padre Seraphim Leite, que veio trazer revelações interessantes sobre a existencia misteriosa do "patriarcha de Piratininga"

No seu estudo sobre a fundação de Piratininga, que a "Folha da Manhã" hoje publica, em homenagem à data máxima da cidade, o nosso colaborador Ruy Bloem, refere-se, por mais de uma vez, a uma carta de Nobrega que só recentemente veio à publicidade, graças ao erudito historiador padre Seraphim Leite. Trata-se de um documento cujo valor para o estudo da historia de Piratininga foi devidamente salientado, em seu trabalho, pelo sr. Ruy Bloem. Intelectualmente inédita até 1934, essa carta foi lida pela primeira vez em conferencia realizada em 5 de junho daquele anno em São Paulo pelo sr. Seraphim Leite.

A "Folha da Manhã" reproduz hoje essa carta em clichê, não só pelo seu alto valor historico, como tambem pelo pitoresco das referencias a João Ramalho e à necessidade de se lhe facilitar o casamento com Bartyra, a filha do cacique Tibiriçá.

A tradução desse documento é a seguinte:

CARTA DE MANOEL DA NOBREGA A LUIZ GONÇALVES DA CAMARA
(Do sertão de São Vicente, 31 de agosto de 1553).

I. H. S. Pax Christi. — Esta escrevo a V. R. estando no sertão desta Capitania de São Vicente, onde fiquei este anno, vindo na armada.

O fruto que nesta terra se faz, pelas cartas dos Irmãos, que estão em São Vicente, o saberão, porque escreverão mais de perto. Hontem que foi da Degolação de São João, vindo a uma aldeia onde se ajuntam novamente e apartam os que se convertem e onde fus dois Irmãos para os doutrinar, fiz solenemente uns 50 catechismos, dos quaes tenho boa esperanca de que serão bons christãos e merecerão o baptismo e será mostrada por obras a fé que tomam agora. (1)

Eu vou adiante buscar alguns escolhidos que Nosso Senhor terá entre estes gentios: lá andarei até ter novas da Bahia dos Padres que crelo que serão vindos. (2)

Pedro Correia foi já adiante a denunciar penitencia em remissão dos seus peccados. Levou todos os modos com que mais nos parece que ganharemos as vontades dos gentios. Os moços principalmente vêm-se para nós de todas as partes. (3)

(Handwritten text in Portuguese, likely a transcription of the original document or related notes. The text is dense and difficult to read in its original form.)

Neste Campo está um João Ramalho, o mais antigo homem que está nesta terra. Tem muitos filhos e mui apparentados em todo este sertão. E o mais velho delles, levo agora commigo ao sertão por mais autorizar o nosso ministerio. João Ramalho é muito conhecido e venerado entre os gentios e tem filhas casadas com os principais homens desta Capitania e todos estes filhos e filhas são de uma India, filha dos maiores e mais principaes desta terra.

De maneira que nelle e nella e em seus filhos esperamos ter grande meio para a conversão destes gentios.

Este homem, para mais ajuda, é parente do Padre Paiva, e cá se conheceram. Quando veio da terra, que haverá 40 annos e mais, deixou a sua mulher lá viva, e nunca mais soube della, mas que lhe parece que deve ser morta, pois já vão tantos annos. Deseja muito casar-se com a mãe destes seus filhos. Já para lá se escreveu e nunca veio resposta deste seu negocio.

Portanto, é necessario que V. R. envie logo a Vouzela, terra do P. Mestre Simão, e da parte de nosso Senhor lho requero: porque se este homem estiver em estado

de graça, fará Nosso Senhor por elle muito nesta terra. Pois estando elle em peccado mortal, por sua causa a sustentou até agora.

E pois isto é coisa de tanta importancia, mande V. R. logo saber a certa informaçao de tudo o que tenho dito.

Nesta terra ha muitos homens que estão amancebados e desejam casar-se com ellas e será grande serviço de Nosso Senhor. Já tenho escripto que nos alcancem do Papa faculdade para nós dispensarmos, com os homens que andam nestas partes de infielis. Porque uns dormem com duas irmãs e desejam, depois que têm filhos de uma, casar-se com ella e não pôdem. Outros têm impedimentos de afinidade e consanguinidade, e para tudo e para remedio de muitos se deveria isto logo impetrar para socorro e quitação de multas occorridas.

E o que temos para os gentios se deveria, tambem ter o haver para os christãos destas partes ao menos até que do Papa se alcance geral indulto. Se o Nuncio tiver poder hajam delle dispensa particular para este mesmo João Ramalho poder casar com esta India, não obstante que houvesse conhecido outra sua irmã e qualquer outras parentes della. E assim para outros dois ou tres mesticos, que querem casar com indias de quem têm filhos, não obstante qualquer afinidade que entre elles haja.

Nisto se fará grande serviço a Nosso Senhor.

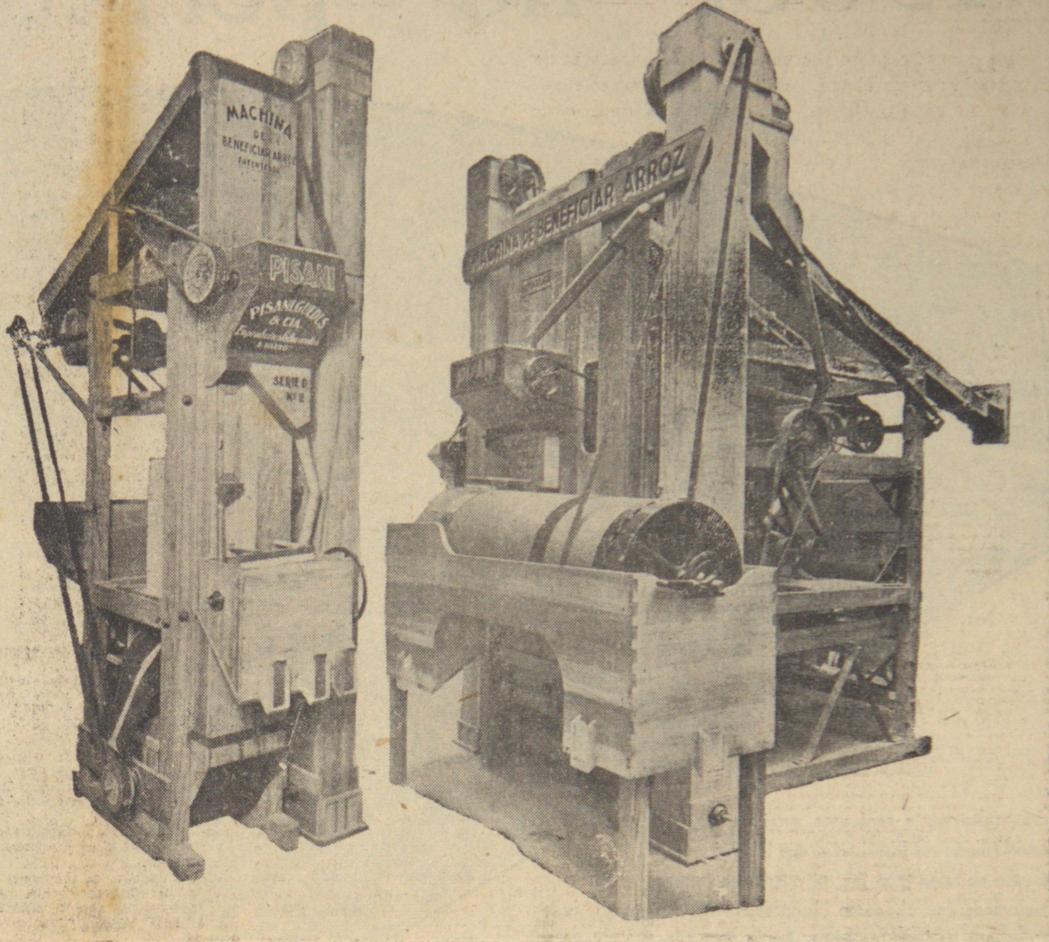
E se isto custar alguma coisa elle o enviará de cá em assucar. Haja lá algum virtuoso, que lho empreste, porquanto me achel nestas necessidades e com grande desejo de ver tantas almas remedadas.

Escrevo isto a V. R. para na primeira embarcação mandar resposta a esta capitania de São Vicente.

O demais escreveréi para a ida dos navios, se me achar em parte para isso; e senão os Padres e Irmãos supprirão. A uma carta, que neste São Vicente recebi, tenho já respondido. As que vieram por via da Bahia ainda as não vi. E' mais facil vir de Lisboa recado

Machina de Beneficiar Arroz

A emancipação dos fazendeiros, compradores e Commerciantes



"PISANI"

PATENTEADA
SUPERIORIDADE ABSOLUTA
PATENTEADA
OS SEUS DEZ PONTOS PRIMORDIAES

- Beneficio perfeito.
- Área insignificante.
- Não é preciso pessoa habilitada para maneja-la.
- Força reduzida
- Rendimento maximo.
- Peso minimo.
- Menor quebra de grãos.
- Durabilidade garantida
- Descascador privilegiado, descascando 98 a 100 % sem quebrar o arroz.
- Preços sem concorrência em machinas com pedras de esmeril.

PRODUCCÃO EM 10 HORAS

MODELO "B" — de 15 a 20 saccos beneficiados — com um brunidor	4:500\$000
(com o "trieur" mais 1:000\$000)	
MODELO "BB" de 15 a 20 saccos beneficiados — com dois brunidores	7:000\$000
(com o "trieur", mais 1:000\$000)	
MODELO "BB2" — de 25 a 30 saccos beneficiados — com dois brunidores, inclusivé "trieur"	9:000\$000
MODELO "C3" — de 35 a 40 saccos beneficiados — com dois brunidores	9:500\$000
(com o "trieur" mais 1:500\$000)	
MODELO "C4" — de 50 a 60 saccos beneficiados — com dois brunidores, inclusivé "trieur"	12:000\$000
MODELO "C5" — de 70 a 80 saccos beneficiados — com dois brunidores, inclusivé "trieur"	15:000\$000

ENGENHEIROS - FABRICANTES
E SCRIPTORIO E FABRICA: **PISANI, GUEDES & CIA.** ENDEREÇO TELEGRAPHICO "PILANJA"
Rua Lopes de Oliveira n. 334 S. PAULO Caixa Postal n. 4473

SAPATÕES
de vaqueta grossa a preço e a torno
PERNEIRAS
de sola e de raspa
CANNOS DE BOTAS
de vaqueta grossa
SANDALIAS
de verniz
Bolas para Futebol
e tudo para sport
BOLSAS ESCOLARES
de vaqueta e raspa
MALAS DE FIBRA
de fibrina e papelão
ARRIOES E SELLAS
de varios typos e todos os seus pertences.
ATACADO E VAREJO
Fabrica:
DONATO FERRARI & CIA.
Rua Florencio de Abreu, 131
São Paulo

Liceu "Jorge Tibiriçá"
Com inspecção preliminar
RUA TAMANDARÉ, 301 TELEPHONE, 7-7092
Acham-se abertas as matriculas para o curso primario e jardim da infancia, cujas aulas terão inicio a 1.º de Fevereiro proximo.
Aceitam-se transferencias para todas as series do curso gymnasial. Informaçoes na Secretaria do Lyceu todos os dias uteis das 8 ás 22 horas.

a esta Capitania do que da Bahia. Vale Faber. Deste sertão a dentro, ultimo de agosto de 1553 annos. Filho inutil de V. R. A.

NOBREGA

NOTAS DO SR. SERAFIM LEITE NAS "PAGINAS DE HISTORIA DO BRASIL"

(1) — E' a propria Aldeia de Piratininga, que dahl a alguns mezes se baptizaria com o nome de S. Paulo. A data de 30 de agosto de 1553 é, pois, a primeira data historica — a data precu-

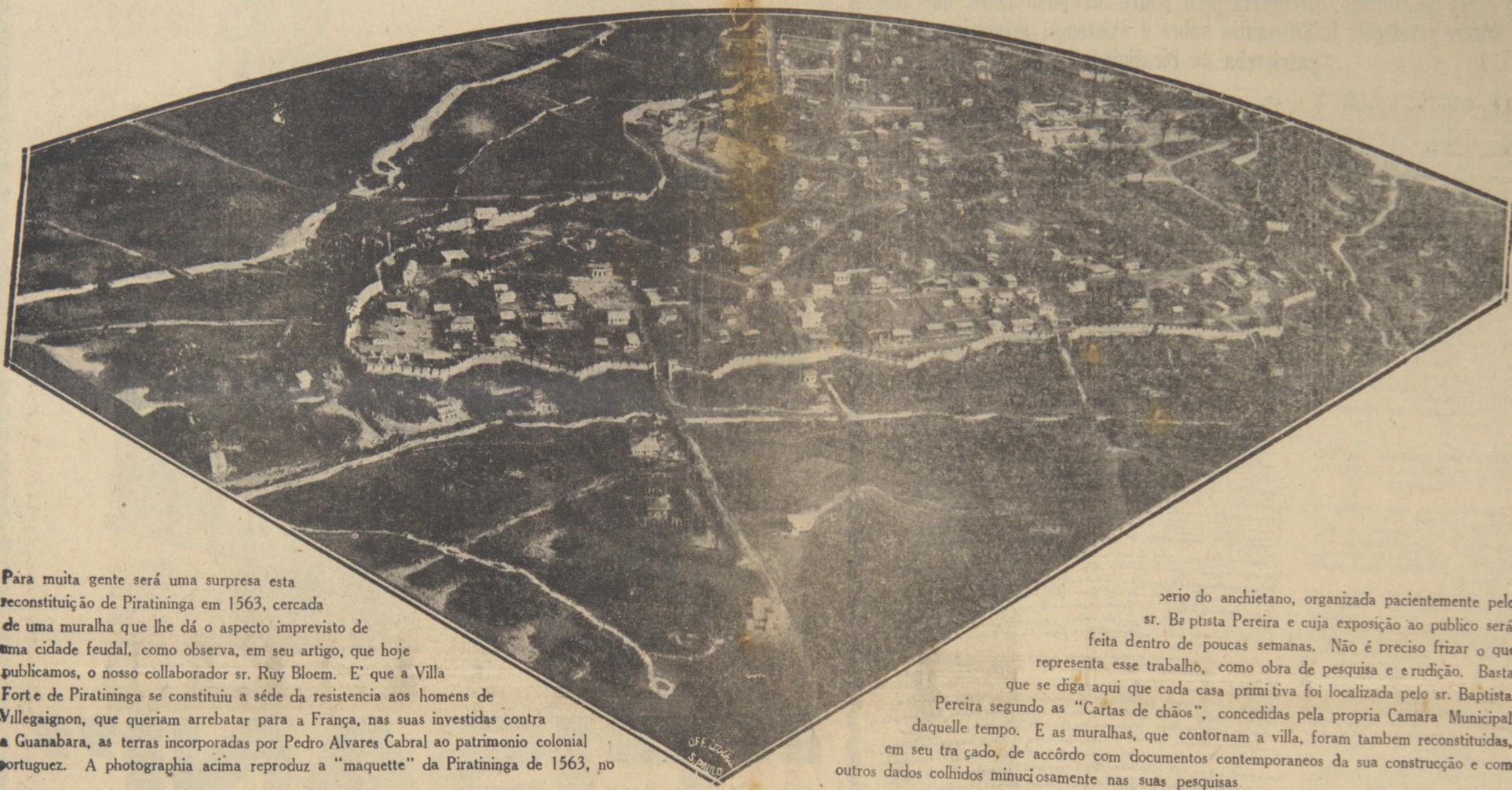
sora — de S. Paulo de Piratininga. — Cf. Seraphim Leite, "Os jezuítas na villa de S. Paulo", p. 16, S. Paulo, 1938.

(2) — E' a terceira expedicao de Jesuítas sahidos de Lisboa, a de Luiz da Grã, em que tambem viria Anchieta. De facto, tinham chegado a Bahia, em 13 de julho de 1553.

(3) — Pedro Correia, o fazendeiro rico de S. Vicente, que pela educaçao dos meninos e pela civilizaçao do Brasil deu a sua fortuna e se deu a si mesmo, e até o seu sangue, porque morreu depois ás mãos dos Carijós.

AGENCIA SOAVE
Radio Revista — Revista Telegrafica — Radio Popular
Radio Tecnico Semanal — Radio News — Radio Craft —
Short Wave Craft — Short Wave Radio — Service Radio —
Amateur Handbook — Anuario
RUA DIREITA N. 7 — Caixa Postal, 3007

A Villa Forte de Piratininga em 1563, no periodo anchietano



Para muita gente será uma surpresa esta reconstrução de Piratininga em 1563, cercada de uma muralha que lhe dá o aspecto imprevisto de uma cidade feudal, como observa, em seu artigo, que hoje publicamos, o nosso collaborador sr. Ruy Bloem. E' que a Villa Forte de Piratininga se constituiu a séde da resistencia aos homens de Villegaignon, que queriam arrebatar para a França, nas suas investidas contra a Guanabara, as terras incorporadas por Pedro Alvares Cabral ao patrimonio colonial portuguez. A photographia acima reproduz a "maquette" da Piratininga de 1563, no

perio do anchietano, organizada pacientemente pelo sr. Baptista Pereira e cuja exposiçao ao publico será feita dentro de poucas semanas. Não é preciso frizar o que representa esse trabalho, como obra de pesquisa e erudição. Basta que se diga aqui que cada casa primitiva foi localizada pelo sr. Baptista Pereira segundo as "Cartas de chãos", concedidas pela propria Camara Municipal daquelle tempo. E as muralhas, que contornam a villa, foram tambem reconstituídas, em seu traçado, de accôrdo com documentos contemporaneos da sua construcção e com outros dados colhidos minuciosamente nas suas pesquisas.

EM 1882

o "LONDON BANK" abriu a sua Filial na Capital de SÃO PAULO cuja população, nessa época, não attingia 50.000 almas!

DURANTE ESSES 56 ANNOS O "LONDON BANK" VEM PRESTANDO SEU CONCLRSO NO CRESCENTE PROGRESSO E FORMIDAVEL EXPANSÃO DE SÃO PAULO.

Abra SUA Conta Particular no "LONDON BANK"

Caderneta e talão de cheques
JUROS A' 3 % AO ANNO

DESDE 500\$000 ATÉ 200.000\$000

**BANK OF LONDON
&
SOUTH AMERICA LIMITED**

Rua 15 de Novembro, 21 — S. PAULO



FABRICA REDEMPTOR

Artigos de metal — Especialidade em artigos religiosos e objectos para escriptorios, presentes, etc.

S. RODRIGUES

FABRICA
RUA ORATORIO, 7
Teleph. 9-0716

ESCRITORIO
RUA MOCCA, 495
Teleph. 9-1029

SÃO PAULO

CASA BANCARIA ALBERTO BONFIGLIOLI & CO.

DEPOSITOS-DESCONTOS-CAUCOES E COBRANÇAS

OPERAÇÕES BANCARIAS EM GERAL

Na data da commemoração do anniversario da fundação de Piratininga, apresentamos a SÃO PAULO a nossa homenagem e os nossos votos de maior expansão



DESPACHOS NA ALFANDEGA DE SANTOS

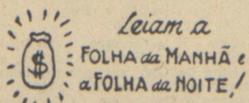
Matriz: S. PAULO
RUA 3 DE DEZEMBRO, 50
Caixa Postal. 1200
Phone, 2-7122 — 2-7123 — 2-7124

Filial: SANTOS
PRAÇA DA REPUBLICA, 46
Caixa Postal, 734
Phone, 4874

ASYLO COLONIA SANTO ANGELO

Se quizerdes enviar um auxilio em dinheiro ou em material aos doentes de Santo Angelo, fazei-o por intermedio deste jornal ou ao seguinte endereço:

Caixa Beneficente do Asylo-Colonia Santo Angelo
Estação Santo Angelo E. F. Central do Brasil



Centenas de contos de reis em magníficos premios!

A CASA EM QUE VIVERAM os Ramalhos

O mais velho edifício de S. Paulo, á beira do Tatuapé, identificado como o mesmo mandado construir por João Ramalho ou seus filhos, na sesmaria que pertenceu ao "patriarcha de São Paulo"



A CASA MAIS VELHA DO PERIMETRO URBANO. (NAS CERCANIAS DA SESMARIA DO TAMARUTACA.)

Ainda não vieram a publico todas as conclusões a que, na longa e paciente investigação a que está procedendo em torno da historia da fundação de São Paulo, chegou o sr. Baptista Pereira. A gentileza do eminente historiador permittiu, porém, á "Folha da Manhã" revelar, neste numero commemorativo, alguma coisa do muito que representa, para a historia paulista, a sua contribuição. Uma das mais curiosas descobertas do sr. Baptista Pereira, nessa tarefa empreendida sem cansaço, é a da casa construída por João Ramalho ou, quando muito, por seus filhos, na sesmaria que lhes pertenceu, no Tatuapé.

Essa casa, que é a que se vê no desenho, que a reproduz com absoluta fidelidade, é provavelmente a mais antiga construção existente em nossa Capital e se encontra em perfeita conservação.

do Tatuapé ao pateo do collegio é exactamente a de uma legua. E todos os campos que dali desceram para o Tamarutacy eram os mais sujeitos á inundação naquela época e sempre.

Não era eu — escreve ainda o sr. Jean Bazin — o primeiro visistador daquela casa, em companhia de Baptista Pereira. O dr. Moura Campos, secretario da Educação, que mezes atrás, fizera a mesma visita, também em companhia de Campos Aguirre e de Paulo Duarte, tão convencido ficou de que aquella era mesmo, se não a casa de João Ramalho, ao menos a casa dos Ramalhos, que prometteu tudo envidar para que ella seja conservada como monumento historico".

E, numa pagina descriptiva, o jornalista francez encerra a sua entrevista:

— "Os primeiros habitantes do planalto escolhiam a terra que lhes convinha e ali edificavam e plantavam — esclareceu o sr. Baptista Pereira, numa entrevista concedida ao jornalista parisiense Jean Bazin sobre essa descoberta de alto valor historico. Ali, no Belemzinho, á beira do Tatuapé, foi sem duvida alguma, a sesmaria de Antonio de Macedo, filho de João Ramalho. Os primeiros habitantes do planalto escolhiam a terra que lhes convinha e ali edificavam e plantavam. Não precisavam de titulos. Quando morriam, porém, as coisas já eram outras. Já havia Camara Municipal e concessões de terra. Era preciso revalidar as primeiras posses. A sesmaria de Antonio de Macedo não é senão a revalidação da posse do pae. Dahi Baptista Pereira pensa que aquelle é o lugar da casa de João Ramalho, e que a casa actual, se não foi a sua, bem pode ter sido a de seu filho. E nesse modo de sentir o acompanha Campos Aguirre, o melhor conhecedor de todos os terrenos do municipio de São Paulo, sobre o qual tem um fichario do mais inestimavel valor.

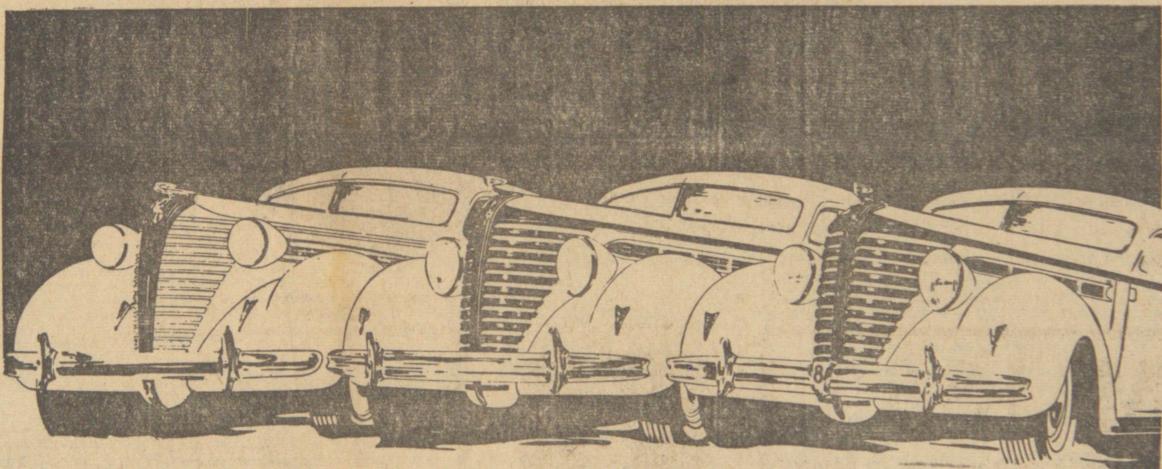
"Esta casa archaica é habitada por tres sympathicos velhos, cuja presença, entre esses velhos muros, é como um symbolo. Seus proprietario, o sr. Elias de Albuquerque, recebeu casa e terreno do barto da Silva Gamero, ha mais de meio seculo, como um presente. Ali passou a vida inteira em companhia de uma prima, professora publica no tempo da monarchia, a senhora Clementina Pinto de Camargo. Sua criada é a nacional Sophia Ramos, outrora escrava em Jacarehy da familia de que adoptou o nome. Não sabe a idade que tem. Só se lembra que, ao tempo da Lei do Ventre Livre (1870), tinha os seus vinte e poucos annos e uma legião de namorados que a disputavam como par, nos sambas da fazenda. Conta, pois, a boa Sophia oitenta e sete annos, mas a sua robustez indica que poderá ir aos cem. Valia a pena ver os cuidados que tem o proprietario com o velho casarão. Se se despegue um pedaço de talpa, elle o consolida logo com tijolos. Ninguém está mais convencido do que elle de que ali foi mesmo a casa de João Ramalho. Estava com vontade de mudar-se para uma casa nova que fizera, mas, depois que soube por Campos Aguirre da identificação, resolveu morrer lá dentro. Possui em torno da casa dez alqueires em plena cidade. As plantas ali crescem como no tempo de Ramalho. Apenas um bosque de jaboticabeiras revela a mão do plantador. O resto é sylvestre e cresce ao leo.

Perguntel a Baptista Pereira — prosegue o jornalista parisiense — o caminho pelo qual chegou a essa convicção. São poucos e simples os seus argumentos: 1.º — E' certo que a casa está na sesmaria de Antonio de Macedo; 2.º — Dadas as inundações do local, quem ali quizesse construir, em 1532, devia procurar o lugar mais alto, que é o da casa actual; 3.º — Ramalho não devia morar longe dos seus allia-dos Tibirica e Piqueroy; 4.º — Ramalho devia estar á beira da estrada que ia para o litoral, e ali é a ponta dessa estrada, que é o Peabyru'.

Mas há um ultimo argumento para provar o acerto dessa localização. Em 1568, os jesuitas do Collegio foram procurados por um mameluco que os vinha prevenir que lhe morrera o pae. Os jesuitas, acostumados a ver que elles davam um moribundo por morto, mandaram dois dos seus a correr por aguas que estavam pelo campo, por onde haviam de passar, por ser grande a cheia. Chegados á casa do enfermo, que não queria nada de Deus, foi tocado da graça, confessou-se e commungou. E salvou-se. Sua casa era a uma legua de distancia do collegio. E' o que diz o padre Balthazar Fernandes numa carta de São Vicente, de 1568. Varrhagen identificou esse moribundo como João Ramalho e sobre isso não há duvida. Agora, a suprema prova, a distancia da casa

Perlustremos a chacara em todos os seus recantos. Uma picada, dura como pedra, leva ao "poço do arrollo Tatuapé. Isto é, ao seu remanso mais fundo — á aguada. Era esse de certo o caminho do banho mantinal de Ramalho e dos filhos. O Tatuapé deve ter diminuído muito de volume, devido aos aterros das margens e ás captações dos outros rios proximos. Mas eu o imaginava tres vezes mais largo e ainda cercado de arvores gigantescas, a cuja sombra indias nuas ceiliam cestas ou socavam a mandioca dos bilus, que foram á farinha de luxo do invasor. Meu espirito embebido da leitura de Rabelais não se pôde furtar a certas reflexões "abrahamicas" sobre o papel daquella matta sombria e convidativa nas origens de São Paulo. Se a Historia não tivesse tantas lacunas, se os mysterios da geração não estivessem cobertos de tantos véos, qual seria a romaria que, de hoje em diante, teria de affluir áquelle beco ancestral de tanta gente illustre?"

VEJA O HUDSON PARA 1938 HUDSON-TERRAPLANE - HUDSON 6 E 8



3 NOVOS BRILHANTES CARROS

Construidos num estylo moderno para durar.

Mais bellos, mais espaçosos, os novos HUDSON 6 e 8 e HUDSON-TERRAPLANE para 1938 tem umas linhas magnificas.

São confortaveis e macios no trafego da cidade como na estrada, e o seu luxuoso acabamento interior é o resultado do trabalho de artistas e desenhistas de grande classe. São carros economicos, de manutenção economica e de preços baixos e convidativos.

VEJA, CONDUZA E DESCUBRA O CARRO N. 1 EM VALOR PARA 1938

Distribuidores:

AUTO-GERAL

Rua Barão de Itapetininga, 13

SNRS. LAVRADORES
PRODUZAM TIPOS SUPERIORES DE CAFE'

Adoptando secagem natural em terreiros
construidos com

PIXE

Preços especiais para quantidades.
Solicite-nos a circular de instruções.

The San Paulo Gas Co. Ltd. — R. Carmo 3
Tel. 2-3187 - Ramal 6 — Caixa Postal "S"
End. Tel. "Strategy" — SÃO PAULO

